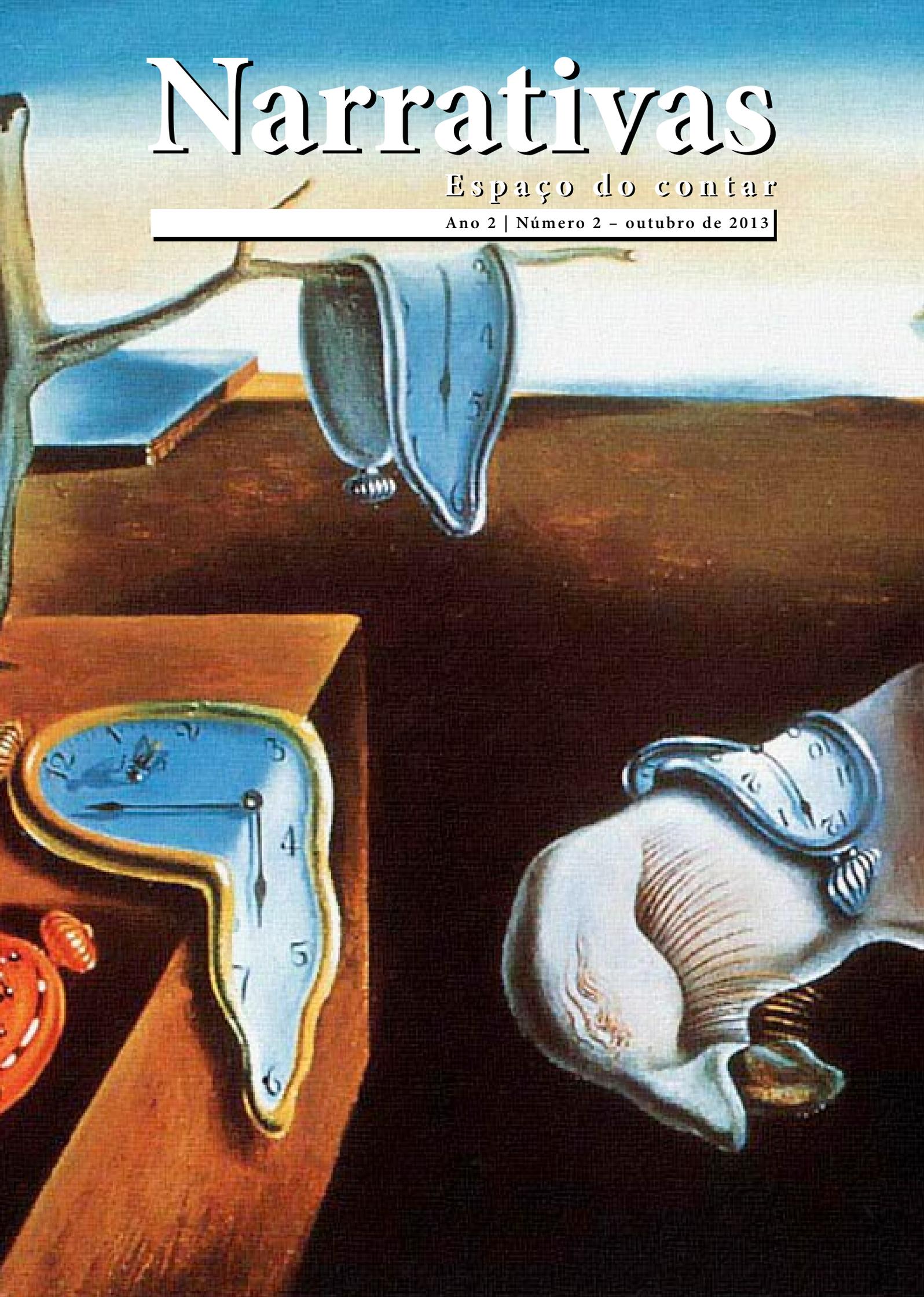


Narrativas

Espaço do contar

Ano 2 | Número 2 - outubro de 2013



Narrativas

Espaço do contar

Ano 2 | Número 2 - outubro de 2013

“A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos.”

(Ecléa Bosí)

Não à toa *A Persistência da Memória*, de Salvador Dalí, abre a **Narrativas**, em seu segundo ano de existência. Nela, Dalí, artista fundamental do movimento surrealista europeu, nos convida a mergulhar numa esfera absoluta de liberdade. Aqui também, nossos alunos foram estimulados à leitura, ao debate e à produção de textos, enquanto espaço livre de expressão de ideias, sentimentos, ideais.

Percorrendo textos de natureza e autores diversos ao longo de 2013, a turma do 9º ano desfrutou da oportunidade de compreender o sentido do narrar: há que se proceder a uma “escavação do eu”, mesmo que atropelados pela velocidade, pela mídia, pelo consumo, pela corrupção, pela ausência de sentido a que nos condena o mundo contemporâneo.

Há ainda que se preservar o espaço da memória, à revelia do tempo e das mudanças. Nos **40 anos da Aldeia**, essa é a nossa maior homenagem à escola que, em Niterói, fundou uma concepção do processo de educar norteado pela percepção de que as leituras dos mundos interno e externo se conectam e se conjugam na formação do **SER**.

O **SER** original de que dispomos é o que se revela nesse número de **Narrativas**, homenagem à história de cada um, à história de todos nós.

Silvana Mansur Assad

Disse certa vez o escritor português José Saramago no celebrado livro *História do Cerco de Lisboa* que “tudo quanto não for vida, é literatura [...], a história sobretudo, sem querer ofender”. E com tal mentalidade, pedindo licença aos rígidos limites disciplinares, o 9º ano da Aldeia Curumim novamente se aventura nas curvas da estrada que ora nos tomba à realidade, ora nos tomba à ficção.

Confuso? Evidente que sim. No ano de 2013, bebemos da fonte do Lago da Memória, como cantavam os antigos adoradores de Orfeu. Fonte esta que apesar de calma e cristalina está sempre se renovando, no eterno jogo do lembrar e esquecer, da verdade e da mentira. As certezas, as estruturas, também são feitas desta matéria-prima, tão cara a literatos e historiadores.

Assim, tal como em sua estreia, a *Narrativas* se divide em uma série de dossiês, que se apresentaram aos alunos enquanto projetos de debate, leitura e produção ao longo de todo o ano.

O primeiro dossiê, “Coisas findas, essas ficarão?”, preocupou-se com as diversas formas de registro da memória, sejam elas materializadas no plano individual ou coletivo, atentando para o fato de que as mensagens enunciadas mudam de sentido ao longo do tempo.

O segundo chamou-se “Vinicius”, nome próprio que nos rememora o centenário do poetinha, Vinicius de Moraes, prestidigitador das coisas pequenas e dos sentimentos mais lindos. A chama não se apagou, virou letra e música.

Com “O eu profundo e os outros eus” recuperamos o antigo projeto que se pretende universal em nossas publicações. Um mergulho no mar lusitano da obra de Fernando Pessoa seguido de uma pausa para recuperarmos o fôlego e darmos vida aos heterônimos que nos acompanham dia a dia – e nem sempre se expressam como devido.

Em “Dicionário das pequenas filosofias”, como na literatura infantil candidamente se perpetua, registramos nossas primeiras reflexões, as sensações mais imediatas que fogem aos significados dos Aurélios e Houaiss. Brincar com as palavras como brincávamos nos parques e nas ruas.

De olho no mundo em que nos cerca, preparamos o dossiê “Eu sei, mas não devia”, discutindo as mais recentes manifestações no Brasil e no mundo e nos perguntando até que ponto nos acostumamos com os micro incômodos e com os gigantescos anticlímax sociais.

Por fim, com o dossiê “Todo o Mundo e Ninguém” falamos sobre os usos sociais da alegoria, instrumento de nossa língua-mãe que conta sem contar, que narra em metáforas e que veste o discurso tão nu do senso comum. A memória também usa de seus recursos estilísticos.

Agradeço a todos os envolvidos e agora os convido a visitar as próximas páginas. Para os atentos, convido-os ainda a desvendar nossos autores.

Mateus Bertolino

DOSSIÊ COISAS FINIDAS, ESSAS FICARÃO?

6

DOSSIÊ VINICIUS

14

DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

18

DOSSIÊ DICIONÁRIO DAS PEQUENAS FILOSOFIAS

23

DOSSIÊ EU SEI, MAS NÃO DEVIA

27

DOSSIÊ TODO O MUNDO E NINGUÉM

31



Palavras

Tristeza

Felicidade

Imagens

Lembranças

Passado

Esperança

Inocência

Memórias

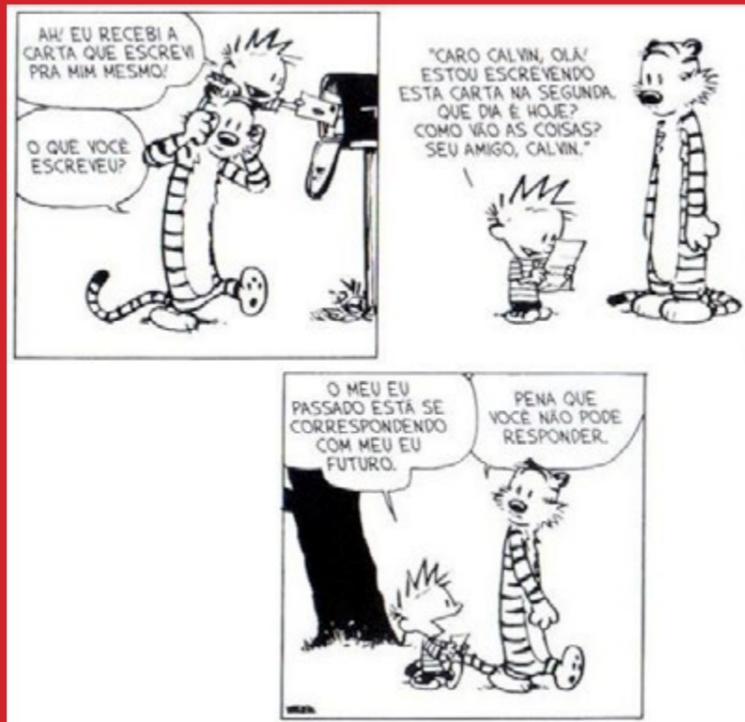
Artes

DOSSIÊ COISAS FINDAS, ESSAS FICARÃO?

“Se eu mostrar uma foto noturna, você, leitor, é obrigado a aceitá-la ou recusá-la por inteiro, não importa o que pense. A menos que você conheça as paisagens que eu fotografei em meu diário, será obrigado a aceitar minha versão delas. Agora, eu o deixo em companhia de mim, o homem que eu era...”

Ernesto Che Guevara, De moto pela América do Sul – Diário de Viagem

Versões dos fatos. É o que nos resta quando os fatos, já passados, se transformam em literatura. Porém, não se engane, termos o ponto de vista fluido e cambiante não torna nossas lembranças menos legítimas, nem as obras menos verdadeiras. Os escafandristas virão explorar nossas almas, o que farão com os tesouros encontrados? As impressões, os sentimentos e os sentidos serão interpretados no futuro como o hoje faz parecer tão natural? Compreendendo que somos feitos de carne e tempo, nos ocupamos com as coisas findas, a refletir como se comportam afinal essas heranças que não se medem em terras ou quilates.



Bill Watterson, Calvin & Hobbes

Obras e textos de referência: “Futuros Amantes”, de Chico Buarque / “De moto pela América do Sul – Diário de Viagem”, de Ernesto Che Guevara / “História do Cerco de Lisboa”, “As pequenas memórias”, de José Saramago / “Calvin & Hobbes”, de Bill Watterson / “Memórias do Cárcere”, de Graciliano Ramos / “O diário de Anne Frank”, de Anne Frank / “Memória”, de Carlos Drummond de Andrade.

Adeus papai

Uma das minhas mais tristes memórias foi a despedida do meu pai. Se me lembro bem, foi mais ou menos assim...

Estava eu vendo TV junto com meu tio, quando de repente a campainha toca e vejo meu pai, que entra e diz:

– Filho, preciso falar com você.

Eu o sigo até o quarto e ele começa a falar.

– Lucca, você sabe que você é a coisa mais importante da minha vida e infelizmente não estou podendo te proporcionar uma boa vida. Por isso estou indo para muito longe, hoje.

Ele pára por uns segundos e depois volta a falar:

– E aí filhão, você não vai falar nada?

Não disse nada, mas de repente caiu uma lágrima, que é seguida de outra e outra...

Ele retorna:

– Filhão, não chore. Meu voo é daqui a pouco, eu só vim aqui para me despedir de você!

Vou com ele até a porta e pergunto:

– Você volta?

– Claro, filhão! Algum dia voltarei e voltarei por você. Então iremos morar juntos, ok?

Vou com ele até o elevador e falo:

– Adeus, papai!

Depois de alguns anos, ele voltou. E voltou casado:

– Desculpe, mas não vou poder cumprir minha promessa de morar só nos dois e também infelizmente não vim para ficar. Mas essa é a primeira de muitas visitas!

Lucca Campos

Os Muros do Medo

São tempos em que não fazemos a menor ideia do que está acontecendo. Vidas e amizades são trocadas pelo dinheiro. Ética e honestidade são trocadas pelo mal. É como o medo, o medo que te assombra pelas guerras e pela desunião. Chegamos a ter medo da própria sombra e você não consegue enfrentar o muro que te separa do mundo.

A humanidade é assim, a verdade é enterrada e a mentira é divulgada. O presente espera um futuro melhor e por isso faz promessas de paz e honestidade, enquanto por trás dessa máscara há bombas matando inocentes. Não adianta esquecer o passado, pois ele é o nosso verdadeiro legado, e também será o de nossos filhos e netos.

O que vivemos é o espelho de nossas ações. Mas todo esse sofrimento é causado pelo medo que temos do desconhecido, e quando pensamos em nossas ações passamos a ter medo de nós mesmos. Basta lembrar-nos do que somos e do que fomos para finalmente quisermos mudar não só a sociedade, mas também nosso pensamento.

Vinicius Corrêa

O Segredo

A carta ainda estava em cima da estante, ao lado da janela do quarto de Melanie. Ela não havia tido tempo para examiná-la. Sua mãe a manteve ocupada o dia todo no aprendizado da costura, boas maneiras e o estudo das palavras. Era assim que Mel gostava de chamar as aulas nas quais sua mãe a ensinava a ler.

À noite, ela finalmente teve tempo para ir para o quarto sozinha. A curiosidade estava quase a matando. Sentada em sua cama, abriu a carta.

Não sei o que Melanie estava esperando, porém com certeza não era isso. A carta começava assim:

“Caro Avô,

Mamãe disse que você está muito doente e ela não quer deixar eu te visitar, por isso estou escrevendo essa carta.”

Melanie deu um pulo ao ouvir um barulho no andar de baixo, mas percebeu que era só a sua mãe que acabara de derrubar algo. Curiosa como estava, voltou rapidamente a ler.

“As coisas aqui em casa estão boas, Nicolas cresceu bastante e já está quase andando! Na escola estamos aprendendo sobre o século XIX e eu achei muito legal! Você já participou de alguma revolta?

Finalmente fez sol e consegui jogar muito futebol e comer bastante sorvete! A única coisa ruim é que papai chega à casa muito cansado e triste. Eu pergunto o que acontece e ele fala que é coisa de adulto, mas outro dia eu o ouvi falando alguma coisa com a mamãe sobre a Alemanha. Você sabe o que poderia ser?

*Espero que você melhore rápido,
Jean François”*

Gabriela Lira

A Descoberta

Melanie acordou com a mãe a chamando para descer para tomar café. Ela guardou a carta na gaveta da escrivaninha e desceu.

O resto do dia pareceu demorar uma eternidade, Mel só queria visitar o antigo muro que havia na fazenda para tentar achar outras cartas. Quando o sol estava se pondo, ela finalmente conseguiu correr até lá.

Num primeiro momento, não achou nada, porém, meia hora depois de remexer os escombros, ela viu um pedaço de papel no meio dos tijolos. Ansiosa, ela puxou com cuidado e viu que era outra carta.

Infelizmente, o começo da carta estava rasgado, mas isso não diminuiu sua curiosidade.

Olhando para os lados, ela viu que não havia ninguém perto; então, sentou no chão e, apoiada

no muro, se pôs a ler a carta.

“É estranho como a guerra muda tudo. Ela mostra como o ser humano pode ser cruel e destruidor. Porém, também mostra as melhores qualidades das pessoas, a bondade, a coragem e o amor.

Guardo muitas memórias ruins daquela época, porém na guerra todos os sentimentos ficam mais fortes. Os breves momentos de paz em que a bondade e o amor tomam uma proporção que é inimaginável.

Queria poder voltar aos anos anteriores à guerra para poder aproveitar os poucos anos tranquilos de minha vida. Nasci em uma cidade de ND, é assim

que a chamo pois não tenho ideia de qual seja seu verdadeiro nome.

Viajei toda minha vida, nunca ficando muito tempo em um só lugar. Não conheço meus pais, mas meu primo e minha irmã cuidam de mim. Já perguntei várias vezes sobre eles, mas nunca responderam. Não me incomodo mais, depois de alguns anos cansa fazer perguntas que nunca serão respondidas.

Somos uma família incomum, mas é a melhor família que eu poderia ter. Porém, infelizmente ela também foi o início dos problemas.

Lisa François”

Gabriela Lira

Esta história é para você que tem curiosidade de saber como era a vida no passado.

Hoje é dia 27/02/13, eu moro no Rio de Janeiro, na cidade de Niterói e vou contar como é a vida e como são as pessoas.

Poluição é o maior problema. A poluição do ar, da água, o desmatamento, a extinção... Se é que você sabe o que é isso, porque tenho várias hipóteses do que vai acontecer no futuro e espero que tenha acontecido a melhor delas.

Bom, minha rotina aqui é muito normal, mas para você pode não ser, então vou explicar. Eu acordo e vou para a escola de carro, encontro meus amigos e tenho aula. Depois eu volto para casa, vejo televisão, uso o computador e estudo.

Na televisão são muito comuns as reportagens sobre guerras em outros países, poluição, assassinatos, violência e políticos corruptos. Queria saber se no futuro isso vai acabar e se o mundo vai ser melhor e diferente. Queria saber sobre as novas tecnologias e as novas formas de viver, falar, se vestir, se comunicar. Mas o jeito é esperar e ver o que acontece.

Então, até lá, talvez a gente se encontre.

De uma pessoa que queria um mundo melhor.

Amélia S.

Acho que já estou velha para subir as grandes escadas do meu porão, mas eu precisava subir para encontrar o vestido da minha falecida mãe.

No meio da escada parei cansada, mas logo continuei a subir, demorou um pouco, mas cheguei ao velho porão empoeirado da minha casa. Estava cheio de caixas e eu não fazia a mínima ideia por onde começaria a procurar. Abri a primeira caixa em meu campo de visão e só tinha bijuterias velhas. Assim, fui para a próxima. Quando abri, me surpreendi com o que eu vi, era a minha velha boneca que meus pais me deram de Natal.

Era uma boneca simples de pano, me lembro bem quando a ganhei, reclamei tanto e falei muito mal da minha mãe, mas ela disse:

- Filha, esta boneca já passou por todas as mulheres da família, você vai amá-la!
- Mas eu a odiei, ela é sem graça! - disse berrando
- Eu quero a boneca que fala, sua chata!

Vi uma lágrima escorrendo pelos seus olhos.

Fui para o meu quarto e acabei adormecendo, e logo quando acordei me deparei com a boneca que falava que tanto queria. Desci e perguntei por mamãe para o papai:

- Ela viajou, só volta daqui a dois meses!

E os dois meses passaram muito lentos. No dia que ela ia chegar, acordei cedo e arrumei a casa toda. O telefone tocou, papai atendeu e logo começou a chorar, desligou-o e disse:

- Sua mãe morreu em um acidente de avião.

Lembro-me daquilo como se fosse ontem, aquela frase martelando na minha cabeça: "Sua mãe morreu em um acidente de avião. Sua mãe morreu em um acidente de avião. Sua mãe morreu em um acidente de avião. Sua mãe morreu em um acidente de avião".

E nunca mais larguei a boneca de pano, dormia com ela, comia com ela, ela era a minha nova mãe.

Julia Crespo

Querido diário,

Hoje meu pai morreu... Eu sei, todos ficam naquela: "Ai, meu Deus, seu pai morreu! Você está bem, garoto?". E esse é o motivo pelo qual estou falando com você, você não dá opiniões ou tenta me consolar, só ouve... e uma pessoa para ouvir é tudo o que preciso.

Meu pai estava com minha mãe em uma escalada. A corda que segurava meu pai se partiu, mas ele conseguiu se firmar em uma pequena pedra e gritou o nome da minha mãe para que ela o ajudasse. Ela não ouviu. Quando se virou para falar alguma coisa, não o achou, mas viu alguma coisa no chão, alguma sombra... Ela desceu muito rápido, quase caiu, quando chegou lá embaixo, viu as pessoas que também escalavam encarando-a. Ela gritou aos prantos pedindo ajuda. Uma das pessoas que lá se encontravam ligou para a emergência. Pouco tempo depois chegaram a polícia e os paramédicos.

Minha mãe se culpa pela morte de meu pai. Ela anda com a cabeça voltada para baixo, não trabalha, não escala, não tem mais vida. Quem cuida da casa agora sou eu. Minha tia e minha avó têm nos visitado quase todo dia e eu acho que minha tia vai vir morar conosco por um tempo.

Quem sabe as coisas não se acertam por aqui e eu não precise mais escrever para você todos os dias, como tenho feito ultimamente...

Peter Odair

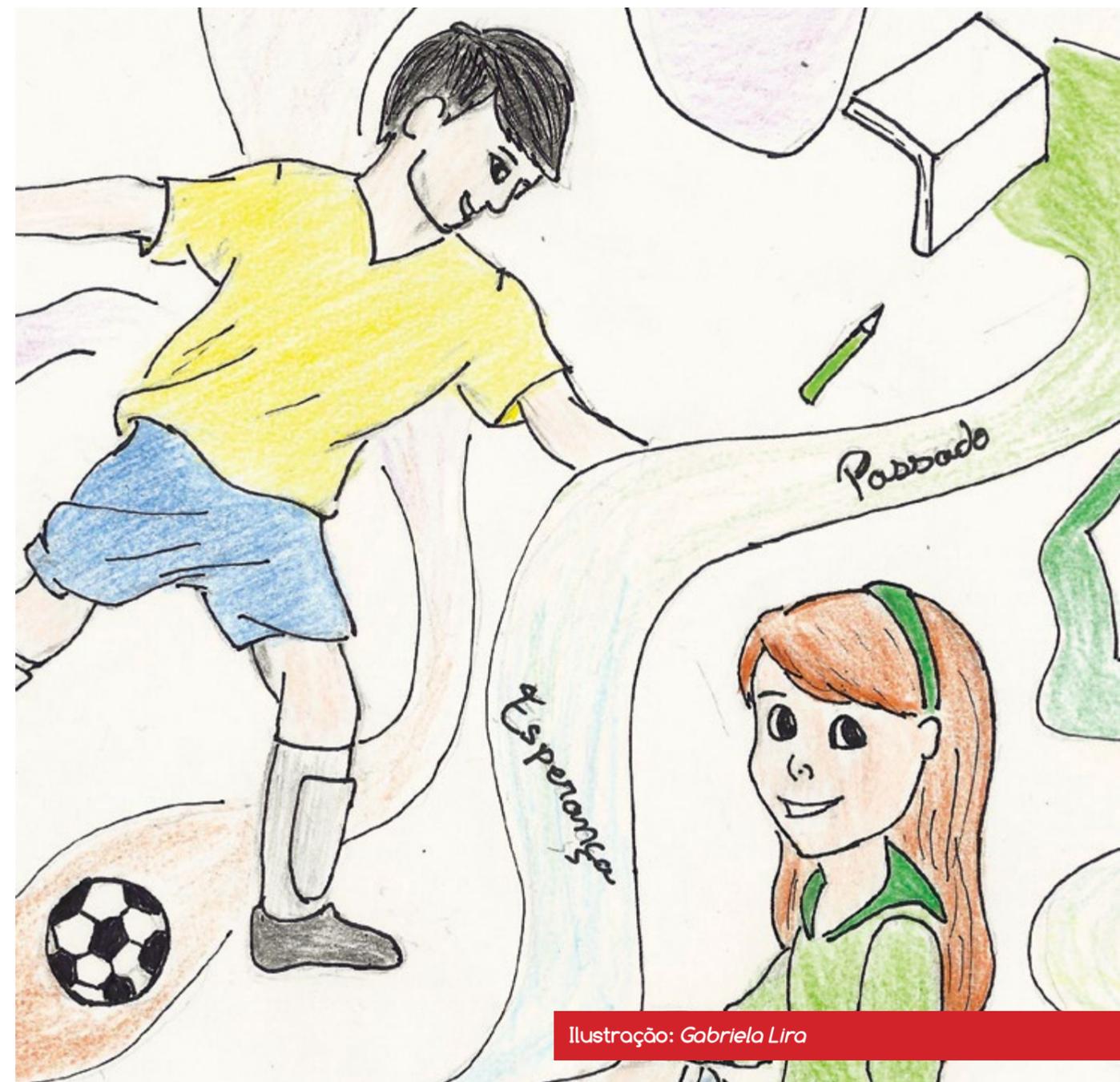


Ilustração: *Gabriela Lira*



Ilustração: Breno Mello

DOSSIÊ VINICIUS

*"Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure"*

Vinicius de Moraes, Soneto de Fidelidade

Uma poesia cantada. O ritmo e a cadência da obra do poetinha nos levam a refletir o quanto nossa cultura popular brinca com as irmãs música e literatura. Vinicius de Moraes escreveu e cantou o amor simples que sentimos, rimando o embate entre realidade e expectativa, entre amor sentido e amor vivido. Rimamos também, em comemoração de seu centenário.

*"E de te amar assim, muito e amiúde
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude."*

Vinicius de Moraes, Soneto do Amor Total

Obra de referência: "Antologia poética", de Vinicius de Moraes.

Do passado ao presente

Da amizade passamos ao amor
e do amor passamos ao rancor.

Enquanto jurávamos que seria infinito,
a distância e o tempo transformaram em mito.

E eu deixei que morresse em mim
o desejo de te amar até o fim.

Mas eu tive uma reviravolta e
passei a te amar de volta
porque nas minhas lembranças eu tive a sua confiança
e isso foi o retorno da minha esperança.

Por isso te direi com sinceridade
que tenho amor de verdade.

Betina, Fernanda Borges, Caroline, Gabriela Carneiro e Carolina

De repente do riso fez-se o pranto
Mas que não seja infinito quanto dure
E se segure no mar infinito do amor
Sem mistério e sem virtude

Amo-te a fim de um calmo amor prestante
Dentro da eternidade e a cada instante
Um bicho igual a mim, simples e humano
Que também sente o amor soberano

Numa simples e diversa realidade
Hei de morrer de amar mais do que pude
E assim vejo que ele foi constante e amiúde, cego e sem virtude

Com você eu sei que meus sonhos não irão embora
Pois você me fez entender que se persistimos
Os sonhos chegam sem demora

Julia Leite, Mariana, Gabriela Cantarino e Julia Crespo

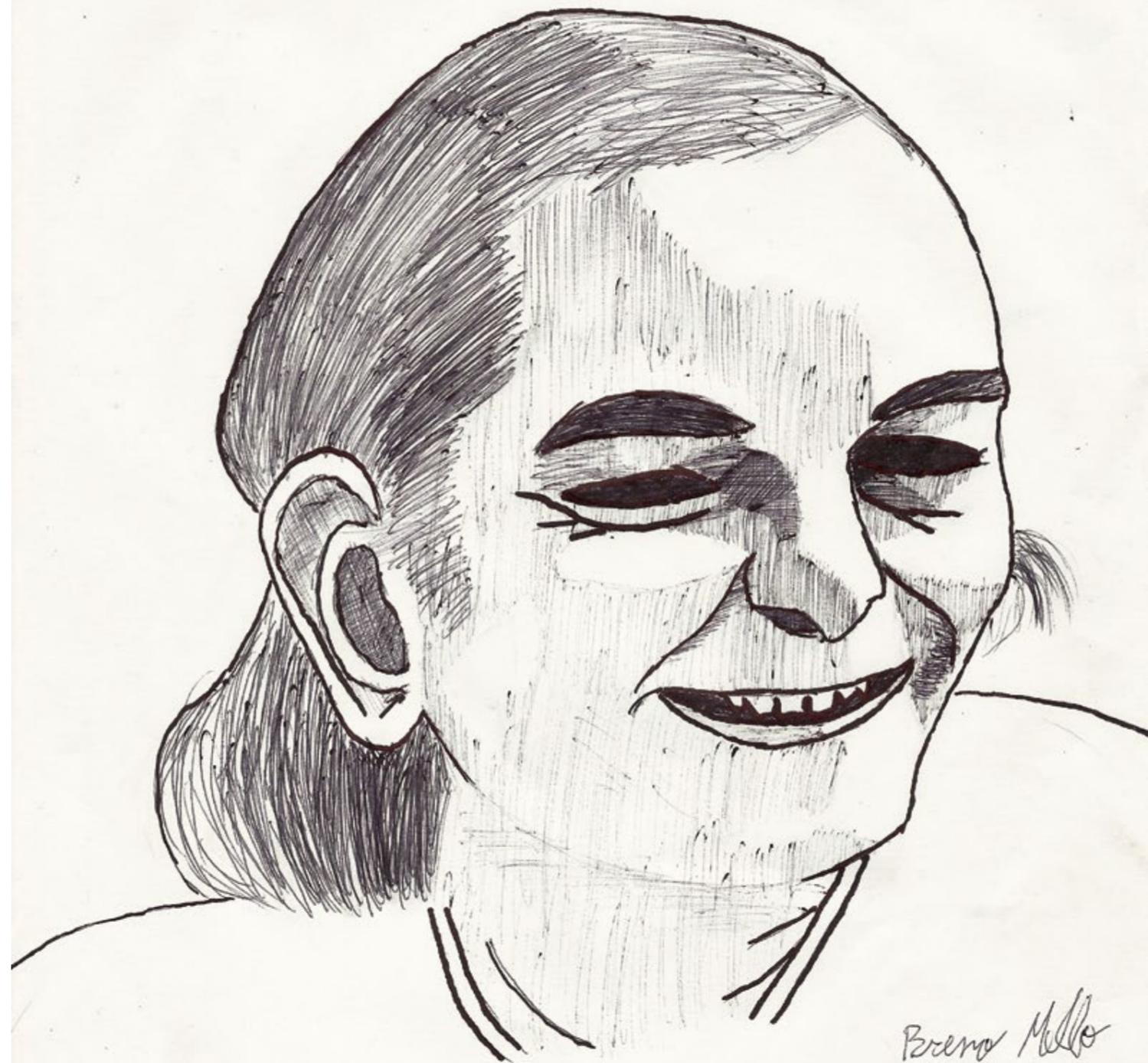
Sentado no meu quarto
Relembrando o passado
Quando veio na minha mente
Você ao meu lado

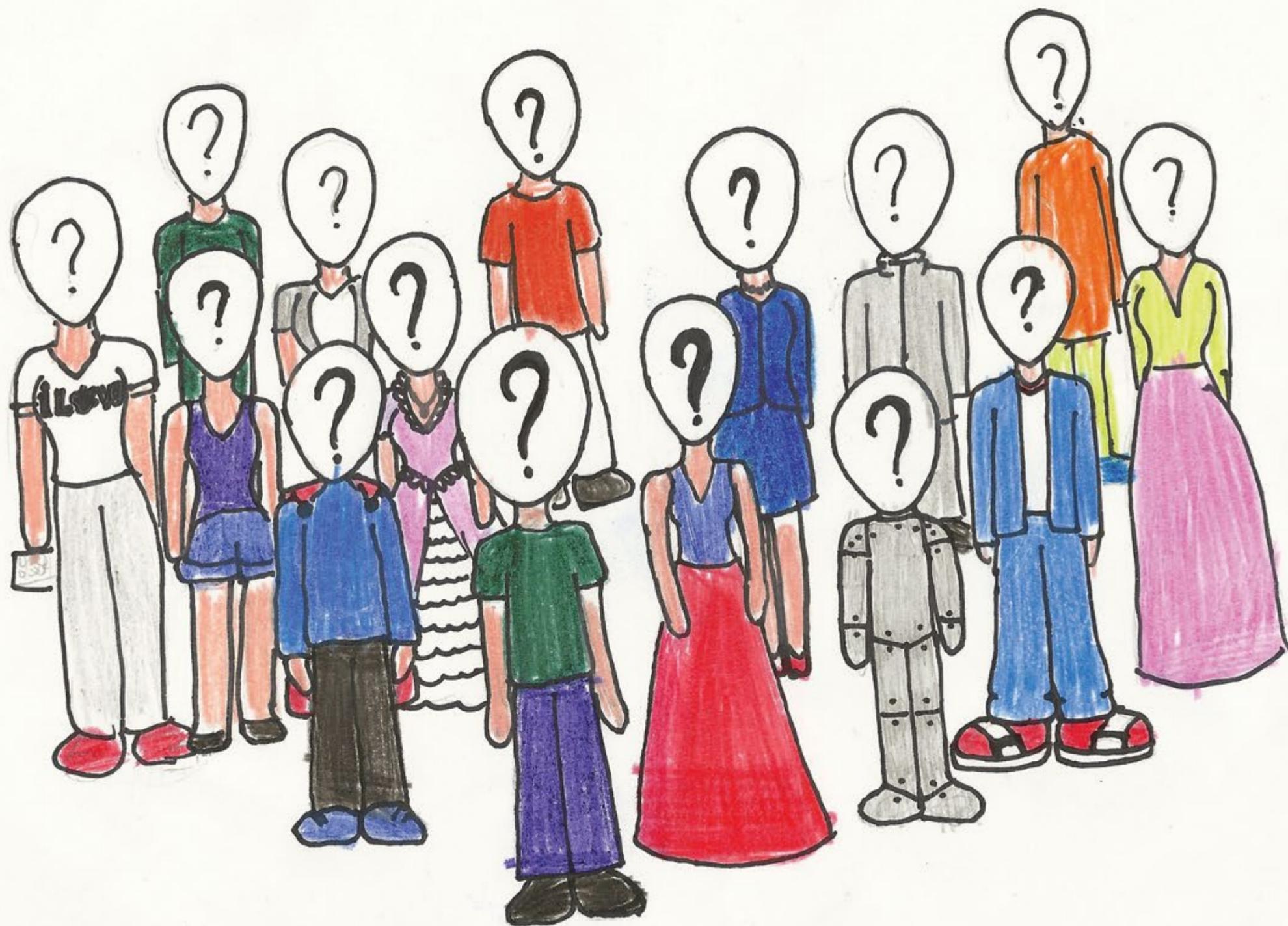
As lembranças são eternas
Pensei que nosso amor também era
Cheguei a acreditar que estava fora da realidade
Mas descobri que tudo era verdade

Essas lembranças não me trazem felicidade
E sim dor, angústia e saudade
Porém mesmo com essa distância
Acredito que nosso amor ainda tem esperança

Da minha solidão
Encontrei a paixão
E pude perceber
Que nosso amor não foi em vão.

Gabriela Lira, Olavo e Pedro





Sê plural como o universo

Fernando Pessoa

Quantas almas temos? O poeta Fernando Pessoa respondeu esta questão ao longo de sua obra, sem deixar para nós, aflitos leitores, uma mensagem definitiva. Seus heterônimos, outras personalidades criadas dentro de si, tinham nomes, histórias e angústias que nos fazem imaginar ao menos cem homens vivendo no íntimo do poeta.

Em carta a um amigo, Pessoa comenta sobre a criação de todos eles:

“Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa.”

Se fôssemos outros, quem seríamos? A lírica pessoana nos convidou a mergulhar no oceano de nós mesmos, encontrando novos “eus” ... nossos heterônimos.

Aqui se apresentam alguns, esperamos que gostem de conhecê-los.

Obras de referência: “Cancioneiro”, “Livro do desassossego”, “Poesia completa de Álvaro de Campos”, “Poesia completa de Alberto Coeiro”, “Poesia completa de Ricardo Reis”, de Fernando Pessoa.

O Sonho de Nicolau

Foi um susto pensar que em minha vida toda fui enganado pensando que vivi “o sonho”, e na verdade nem sonho foi. Eu e meus camaradas lutamos contra Nicolau II e sua corte; queríamos implantar o socialismo e a igualdade, porém Stalin nos enganou.

Minha vida começou em 1895, nasci na Lituânia, meu pai era professor e minha mãe era operária, e eu tinha um irmão chamado Matovsk e uma irmã chamada Olga. Aos cinco anos, me mudei para a Rússia com minha família, por necessidades de meus pais.

Eu tive grande vontade de estudar e fui para um colégio local de São Petersburgo, ensino fraco, mas meu pai me ajudou nos estudos. Em 1912 fui estudar história numa universidade de São Petersburgo e quatro anos depois me formei. De 1908 a 1915, participei das manifestações contra o Czar, acabei conhecendo Lenin e, logo depois, Stalin. Eu fui um dos fundadores do Partido Comunista Russo e por isso me tornei um alto membro.

Assim que Stalin chegou ao poder, começou a haver injustiças dentro do próprio partido. Stalin fez campos de trabalho forçado para aqueles

que tinham ideias contra seu governo, ele dava privilégio para ele e para os membros do partido, e o pior era o fato dele investir tanto na indústria de armas quanto no próprio povo. Assim que vi essas injustiças, eu me distanciei do partido para dar aula em escolas e estudar

a situação. Isso aconteceu em 1942. Após esse ano, passei o resto de meu tempo estudando e descobri que nunca existiu o socialismo no mundo, e que ele só vai existir quando nós pararmos de brigar pelo poder e passar a ajudar uns aos outros.

Nicolau, 13 de novembro de 1984.

Um lado escuro. Despertado por péssimas lembranças. Revela-se um novo ser, dentro de um próprio ser, será que isso é possível? Dois eus dentro de uma única pessoa? Sim, é possível, por isso estou aqui, mostrando o outro ser que habita em mim. Espíritos parecem me consumir de tão sórdido que é. Chega a ser humilhante saber que monstros que despertam o medo em crianças são como coelhos se comparados ao que posso me tornar.

E isso me consome. Malditas lembranças. Atacar para não ser atacado. A vergonha me consome por fazer aquilo de que mais tive medo. O que me atormentava. O mundo deu voltas e aqui se encontram pequenos vestígios da presa que fui. E toda presa pode fugir, já eu predador virei. E os que me atormentavam agora imploram por misericórdia.

Eu realmente não sei no que me transformo, pois essa alma vem e volta. Ela me atormenta e me dá o dom de atormentar. Consigo pedir perdão apenas quando navego em meus sonhos e mesmo assim não é real. Já fora deles, convido-te a fugir também. E esses são poucos momentos em que a misericórdia me cerca, mostrando-me assim que há esperança de que um dia devolvam minha alma; ela ainda existe. Só espero que não seja tarde demais.

E posso lhe dizer que tudo começou quando o amor bateu em minha porta.

Jason McCann (Mariana Torres)

Eu sou Sophie Davilla, nasci no Rio de Janeiro em 14 de novembro de 2000.

Minha mãe morreu num incêndio quando eu tinha 5 anos. Depois disso, meu pai ficou muito zangado e quem me criou foi a minha babá, a Cristal. Sempre a Cristal estava lá quando eu precisava. A minha infância foi solitária pois minha mãe morreu

e meu pai se tornou um viciado em trabalho. Eu não conhecia ninguém além dele e dos empregados de casa. Eu não ia ao colégio, estudava em casa porque meu pai não queria me “expor” ao mundo. Eu passava dias estudando em casa sem nenhuma diversão até que a Cristal mandou o meu professor embora e me deixou livre de minha prisão.

Desde aquele dia eu pude viver, imaginar, brincar, conhecer e aprender. Eu passava dias brincando até que conheci dois amigos e nunca mais fui solitária, mesmo tendo um pai que não ligava para mim. A Luisa e o Estevan me ensinaram a viver! Muitas vezes me pergunto o que aconteceria se minha mãe estivesse viva.

Sophie Davilla

Markkus, pai alemão, mãe brasileira, nascido em outubro, signo de escorpião se isso te diz alguma coisa. Nasceu em Belize, em 1992, e logo veio para o Brasil.

Markkus tem uma mente brilhante, imaginativo e calculista, a ponto de pessoas mais incultas poderem considerá-lo até um pouco infantil, por não o entenderem.

Aos quatorze anos, aprendeu a arte dos computadores. Diferente das outras pessoas, Markkus via as coisas com mais lógica e razão, embora por ser humano, fazia as mesmas coisas – mesmo sabendo porque as fazia e suas consequências.

Recentemente, aos vinte anos, Markkus, que já era um profissional em quase tudo que gostava, se isola e se afasta da sociedade numa tentativa de se afastar daquela tão odiada irracionalidade humana. Tentativa inútil, no entanto.

No seu retorno a sociedade, Markkus tem uma mente mais aberta e clara, enxerga a razão profunda por trás de todas as ações da sociedade e as suas próprias. Silenciosamente, Markkus olha e observa, analisa a sociedade a sua volta com um ar superior, mesmo ocasionalmente abandonando sua perfeita lógica quase robótica para sua parte mais humana.

Autor desconhecido

Sophie Olwayrs, nascida em 6 de Agosto de 2008, em Cambridge. Ela era uma menina meiga, fofa, amada por todos da família.

Havia perdido a mãe em um acidente de carro em 2016 e o pai se suicidou um ano mais tarde.

Seu pai deixou uma carta que persegue Sophie e seu irmão Marks até os dias de hoje, onde ele pede desculpas por tudo e fala que não suportaria ter que cuidar de duas crianças perturbadas como elas.

Sophie sempre foi uma princesinha e seu irmão sempre descontou sua raiva pela morte dos seus pais nos estudos. Ela não se sentia amada por ninguém, nem mesmo por seu irmão.

Marks se sentia culpado por não dar amor a sua irmã e no fundo ele sempre soube que o motivo para ele não demonstrar seu amor era o fato

de sentir saudade de sua vida antes de Sophie nascer.

Sophie com 16 anos acha enfim o seu grande amor, e então para de achar que não é amada. O tempo vai passando e a pressão da sociedade em cima dela era muito grande, pois se transformou em uma médica renomada mundialmente e todos queriam conhecê-la, fazer entrevistas, saber de sua agenda....

Alguns anos se passam e Sophie não aguenta mais, certo dia deixa uma carta onde dizia: "Estou oprimindo o meu verdadeiro eu e colocando pra fora o que os outros querem de mim. Sinto que isso não é justo comigo mesma, por isso deixo aqui o adeus do meu eu".

E vai morar em outro lugar, mais calmo, sem ninguém que a conheça e constrói uma nova vida.

Autor desconhecido



DOSSIÊ DICIONÁRIO DAS PEQUENAS FILOSOFIAS

"O de 'óbvio', não precisa explicar..."

Adriana Falcão, Pequeno dicionário de palavras ao vento

Inspirados na literatura infantil e no trabalho do professor Javier Naranjo, tentamos lembrar (ou criar) conceitos bem antigos, aqueles que usávamos sem saber que eram conceitos, visões de mundo. A criança, ainda livre das taxonomias científicas que aprendemos a usar para classificar o mundo que nos cerca, explica ao seu modo o que considera digno de explicação. Sem perceber, torna o ambiente que as envolve mais sensível, poeticamente possível. Assim, criamos um dicionário de pequenas filosofias, assim nomeados porque éramos (somos) pequenos. O método? Simples, quem não sabe, inventa.

"As coisas muito claras me noturnam."

Manoel de Barros, O fazedor de amanhecer

Obras de referência: "Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças", de Javier Naranjo / "Pequeno dicionário de palavras ao vento", de Adriana Falcão / "O fazedor de amanhecer", de Manoel de Barros / "Manual da delicadeza de A a Z", de Roseana Murray

Android - Robôs malvados que tentaram matar o Goku	diferentes
Amor - Sentimento que nos faz fazer coisas estúpidas	Chico - Homem do campo
Antropomorfismo - Quando se toma morfina suficiente para pensar que é antropólogo	Conhecimento - Resultado da constante busca para explorar o universo
Astronauta - Aquele que explora as estrelas, vê as maravilhas do universo e se arrisca buscando o conhecimento e a liberdade	Detalhes: Nem sempre precisamos (principalmente em provas)
Atalho - o caminho dos preguiçosos	Djalma - Soltando o ritmo da alma (dj-alma)
Azul - A cor que pinta o céu	Doar - Fazer uma pessoa feliz
Batom - Tinta para boca	Eletrônico - Coisa que pisca, pisca, pisca...
Berço - Caixa surpresa que contém um bebê	Errada - Uma coisa que minha mãe nunca está
Bing - Onde se procura para não achar	Espaço - Lugar cheio de nada
Bob - Nome para qualquer coisa	Explicar - Repetir e repetir e repetir
Bomba - Criação feita pelo lado mais sombrio do ser humano	Fandom - Família que não se conhece
Caderno - Onde escrevemos nossas ideias ou copiamos outras	Ficção - Uma coisa que às vezes é melhor que realidade
Cassetete - Método de repressão de ideias	Figo - Fruta do fígado
	Game Over - Palavras que traumatizam as crianças
	Gavião - Cópia animal do avião

Girafa - Animal com pescoço longoooo	
Gordo - Palavra feia para definir uma pessoa fofa	
Gravidade - Coisa fatal nas histórias	
Hogwarts - Casa	
Herói - Aquele que quase perde, mas sempre vence	
Hindu - Péssima conjugação do verbo Ir no gerúndio	
Hoje - Aquilo que se perde, que se degrada sem percebemos que passou, na ânsia pelo amanhã, momento sem valor	
Hospício - Deixa as pessoas sãs loucas	
Ilha - 1. Pedaco de terra que sofre bullying. 2. Pedaco de areia com um coqueiro no meio do mar	
Ilusão - Pensar que sim...	
Imaginação - Pensamentos malucos, vida, amor, raiva...	
Jaca - As pessoas insistem em enfiar o pé	
Júpiter - Zeus paraguaio	
Liberdade - Quando ninguém nos controla	
Livro - 1. Universos presos no papel. 2. Uma TV imaginária	
Lulamolusco - Mistura de 2 animais marinhos	
Magia - Coisa possível nos sonhos	
Marfim - O fim do mar	
Musica - Vida	
Navio - Banheira que flutua	
Noite - Depois de um dia antes de outro	
Nome - Coisa que não sabemos sobre o Doctor	
Norton - Nome de robô	
Olhos - Duas bolinhas de gude no meio do rosto	
Oliva - Nome rico da azeitona	
Oráculo - Aquele que vê o futuro, porém precisa de umas aulas de linguística para se comunicar melhor	
Pai - Pessoa que diz que não sabe tudo, só que está sendo apenas modesto	
Panem - País no qual não se quer morar	
Parmesão - Queijo de mesas grandes	

Pedra - Pedaco de rocha que fica no meio do caminho	
Pessoa - Universo acorrentado por outros, mundo e histórias presas na forma de um ser	
Planetas - Bolas coloridas do sistema solar, que ficam penduradas em algum lugar	
Quack - Expressão de um dos animais mais malignos, o pato	
Quartzito - Quarto pequeno	
Raro - Aquilo que, porque tem pouco, vale muito	
Razão - Muito raso	
Relógio - Instrumento de tortura, lembrete da escuridão que devora a felicidade	
Regra - Coisa para ser quebrada	
Sabiá - Pássaro que esqueceu	
Silêncio - O que as crianças não conseguem manter, nem os adultos	
Solange - Minha avó que faz rabanada no Natal	
TARDIS - (Time And Relative Dimension In Space, ou Tempo e Dimensão Relativa No Espaço) motivo de sonhos	
Tempo - O que gostaríamos de poder controlar, mas infelizmente não temos uma TARDIS	
Torta - Comida que não é reta	
Trem - Sinônimo de boa história	
Universo - O que para sempre será um mistério, pois quem tem o tempo para explorar o infinito?	
Universo paralelo - As coisas estão parecidas... Mas não se engane, tudo está errado	
Vaca - Um bicho que faz mu ou uma expressão chula	
Velozmente - Como a vida passa	
Vitória - Normalmente é ótima, mas às vezes não vale à pena	
WWW - Início de tudo	
Xadrez - Jogo que os filmes fazem parecer fácil	
XP - Smile	
Zebra - Animal com o qual sempre farão a piada em que se pergunta se ele é preto com listras brancas ou vice-versa	
Zóio - Olho muito grande, uma pessoa que tem um olho muito grande é Zoiúda	

(Com a colaboração de Miguel Paulo Tavares)



DOSSIÊ EU SEI, MAS NÃO DEVIA

“Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.”

Graciliano Ramos, Vidas secas

Como não apiedar-se da pobre Baleia, cachorra de Fabiano e Sinhá Vitória, em seu leito de morte? Em seu clássico *Vidas Secas*, Graciliano Ramos nos comove com a trajetória da companhia canina de uma família de retirantes. De repente, nos assustamos com a humanidade da cativante Baleia em choque com a face animal de seus donos. Quantas vezes animalizamos o outro, o estranho? Ansiosos por uma visão de mundo menos chocante e mais humana, refletimos sobre o valor social das manifestações de massa como uma forma de nos libertarmos de um falso conforto e de certos esquecimentos estratégicos. Você se lembra daquilo que quis esquecer?

“A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.”

Marina Colasanti, Eu sei, mas não devia

Obras e textos de referência: *“Vidas Secas”*, de Graciliano Ramos / *“Eu sei, mas não devia”*, de Marina Colasanti / *“Também somos o chumbo das balas”*, de Eliane Brum

Bangu 2

Dia 624.

Dia de uma nova leva de presos, tem executivo nessa leva e tenho que admitir: quando vejo outro desses engravatados entrando na prisão me dá certa alegria, porém a raiva me consome quando os vejo recebendo tratamento especial... celas com sofá e TV, um horário próprio para o banho de sol e comida de fora ao invés dessa gororoba que nós, “bandidos de verdade”, comemos. Porque esses senadores e deputados têm penas mais baixas e mais luxo

na prisão se seus crimes foram iguais ou piores que os nossos? Acho que é porque são eles que “fazem as leis”, por mais erradas que elas sejam, são aprovadas mesmo assim. É assim que o sistema funciona e desde que isso não afete diretamente o pessoal lá de fora, eles não se importam. Eu queria poder recomeçar... e me esforçar e crescer na política para mudar o cenário atual, mas agora já é tarde. Se apenas eu soubesse...

Hora do banho de sol.

Lucas Tristão

Melanie terminou a carta e olhou para longe. Milhares de pensamentos estavam passando pela sua cabeça. Essa carta era um pouco diferente da outra. O escritor era diferente, porém tinha o mesmo sobrenome. Será que o Jean era o primo da Lisa? Ou será que ele era apenas um dos parentes que ela não conhecia? Talvez até uma coincidência? Mel não achava que era coincidência, mas ainda não podia eliminar essa possibilidade.

O sol estava quase sumindo, mas Melanie achou que ainda teria uns 25 minutos para voltar para casa. Assim ela foi procurar outra carta.

Essa não foi difícil de achar, pois estava só um pouco mais para esquerda da onde a outra estava. Abriu o envelope e desdobrou o papel. A letra era muito parecida com a da Lisa, porém essa carta estava mais organizada, com as letras mais definidas, tornando a carta mais fácil de ler.

Começou:

“Todos nós temos o sonho de viver em uma sociedade perfeita. Uma sociedade onde não há desigualdade e todos têm as mesmas oportunidades. A triste realidade, porém, é que essa sociedade não existe e, para ela existir, teria que mudar muita coisa.”

O primeiro passo provavelmente seria mudar a ignorância das pessoas frente ao que acontece

com as outras. Meu primo foi o primeiro a apontar esse defeito para mim. Ele disse que vemos tudo o que acontece, mas não nos importamos porque não acontece com os nossos conhecidos.

Vemos gente morrendo de fome, de frio, sendo assassinada, mas nada disso afeta a maioria das pessoas. Não deixar que isso nos afete fortemente tem um lado bom, porque caso o contrário ficaríamos malucos com tudo o que acontece. Porém, essa total ignorância e desinteresse por ajudar são um absurdo.

Reclamam que o mundo está ruim, entretanto não levantam um dedo para ajudar uma pessoa. Esse é um dos maiores males da humanidade, a indiferença com o que acontece fora do ‘mundo perfeito’ das pessoas.

O que adianta se chamar de ‘ser superior’ quando falta-nos uma das principais qualidades que definem o ser humano? A compaixão, o amor e a criatividade para resolver os problemas!

O pior é que isso acontece há séculos e nada nunca muda. Algumas pessoas, raras são, ajudam os outros. Elas entendem a necessidade desse pequeno ato para o mundo. Só posso esperar que esse tipo de pensamento se espalhe para haver alguma diferença.

Lisa François”

Gabriela Lira

Todo dia, por causa das nossas ações ou falta de ações, acontecem coisas, coisas que não nos orgulhamos, coisas injustas, imorais. Não fazemos nada a respeito, ignoramos, pois não foi conosco, e sim com os outros, com pessoas mais pobres, menos educadas, com pessoas que

nós discriminamos, animalizamos. Logo, aquilo que acontece, acontece com eles, não conosco, nunca conosco. Tendemos a esquecer, ignorar um morto aqui, um acolá, “não importa”, dizemos, “não é comigo mesmo” ou até “melhor morto

mesmo”. Generalizamos, “era um favelado mesmo”, “todo favelado é traficante ou drogado”.

E toda essa generalização é burra, esquecemos dos outros, gente como nós, sofrendo por causa de todo este esquecimento.

Markkus

A gente se acostuma, a gente se acomoda.

A poluição, os políticos corruptos, a falta de respeito, a sujeira, a falta de tempo, a rotina agitada. A gente se acostuma a tudo isso. A pobreza, a violência, o governo, a situação do país... A gente se acomoda. Nós nos acostumamos para não nos chatearmos.

Todos os dias em que andamos na rua e vemos pessoas pedindo dinheiro, porque não têm casas nem uma chance de mudar de vida. Talvez porque sejam negros ou apenas porque a sociedade pensa, que, se é pobre, pode continuar pobre. Não fazemos nada.

Mas será que isso realmente deve continuar assim, simplesmente porque sempre foi assim e ninguém nunca fez nada? Não. Não devemos mais nos acomodar, ficarmos sentados, sem fazer nada! Apenas porque não nos atinge. Atinge as pessoas que têm talvez apenas duas coisas em comum: elas vivem no mesmo país que você e também querem mudanças, por isso devemos nos juntar e mudar todas as ideias e problemas dessa sociedade.

Amélia S.

Vivemos, mas não refletimos.

A sociedade em que vivemos é somente fruto de nossas ações. Olhamo-la como se fosse somente um conjunto de erros, e não pensamos no que os causou. Vemos a pobreza todos os dias e dizemos a mesma coisa: "é culpa do governo! Só tem ladrão lá!", e a ideia passada é que, se o governo trabalhasse, a pobreza acabaria. Mas não é assim que funciona.

Se o governo pode acabar com isso, por que ele não acaba? A resposta para essa pergunta é que para acabar com a pobreza e as diferenças sociais (igualar as condições), leva-se muito tempo. Se a solução é socialista, por que a URSS e os demais países socialistas não acabaram com a desigualdade e as classes sociais? Pois eles

não foram o que Marx chama de Socialismo, eles conseguiram reduzir a pobreza e a desigualdade e proporcionar um alto desenvolvimento, mas ainda havia certo privilégio por parte de membros do partido, como dizem que há ainda hoje.

Eu digo que a solução para esse longo problema é o estudo de nossa mente. Temos muitas guerras e conflitos até chegarmos ao "Socialismo", acabarmos com as classes sociais e, o mais importante, desenvolver nossos conceitos de sociedade até chegarmos a respeitar uns aos outros.

Levaremos séculos até chegarmos a esse conceito.

Nicolau, 2 de Outubro de 1983



“Napoleão, com os cães a segui-lo, subiu para o estrado, de onde o Major fizera seu discurso. Anunciou que daquele momento em diante terminariam as Reuniões dos domingos de manhã. Eram desnecessárias perdas de tempo. Para o futuro, todos os problemas relacionados com o funcionamento da granja seriam resolvidos por uma comissão de porcos, presidida por ele, que se reuniria em particular e depois comunicaria suas decisões aos demais. Os animais continuariam a reunir-se aos domingos para saudar a bandeira, cantar ‘Bichos da Inglaterra’ e receber as ordens da semana; não haveria debates.”

George Orwell, A revolução dos bichos

Se comunicar através de metáforas, por que não? Seja pela beleza das comparações implícitas, seja pela impossibilidade de se expressar livremente, a alegoria é um recurso estilístico dos mais conhecidos. Através dela, falamos de maneira criptografada, denunciando o autoritarismo de governantes, transformamos o homem contemporâneo em cavaleiro inexistente, transformamos em personagens Todo o Mundo e Ninguém. Neste dossiê, portanto, escrevemos assim, nas entrelinhas. Você será capaz de saber o que se passou nas mentes de nossos autores?

“Os médicos todos contentes. ‘Uh, que maravilha de caso!’ Se não morresse logo, até podiam tentar salvá-lo. E todos o rodearam, enquanto os pobres soldados com uma flecha no braço morriam de septicemia. Costuraram, adaptaram, amassaram: sabe-se lá o que fizeram. O resultado foi que no dia seguinte meu tio abriu o único olho, a meia-boca, dilatou a narina e respirou. A dura fibra dos Terralba resistira. Agora estava vivo e partido ao meio.”

Italo Calvino, O visconde partido ao meio

Obras de referência: “Auto da Lusitânia”, de Gil Vicente / “A revolução dos bichos”, de George Orwell / “O cavaleiro inexistente”, “O barão nas árvores”, “O visconde partido ao meio”, de Italo Calvino.

As coisas mudam...

Uma menina brincava todo dia com sua boneca, levando-a para todo o lugar. Não queria brincar com outras meninas da sua idade. A boneca era sua melhor amiga.

Um dia, brincando no quarto, sua mãe avisou que as amigas estavam chamando para brincar e ela resolveu aceitar. Quando voltou, não encontrou sua boneca. A menina ficou triste por muito tempo,

continuou procurando mas não achou. Agora ela brincava todo dia com suas amigas e estava muito bem, mas ainda sentia falta da boneca.

A família se mudou e a boneca não foi encontrada. Um dia, a menina voltou à antiga casa antes dela ser vendida e a encontrou, mas ela não sabia mais se iria continuar brincando com suas amigas ou se ia voltar a ser como era antes e ficar com a boneca o dia todo.

Amélia S.

A história inacabada de Menger

Vivi décadas de sofrimento e ilusão, o que estou vivendo é resultado de mentiras e exploração. Creio que estes são meus últimos dias de vida antes de ser encontrado, seja lá quem estiver lendo, espero que não esteja vivendo tal injustiça e que meu povo esteja livre.

Em 3022 D.L. (depois de Lown, primeiro líder do império da Marquizia), o imperador Orgus Netúnio assumiu o poder do Império Marquiziano e começou a invadir vários reinos e povos para mostrar a supremacia e soberania de seu povo, impondo a cultura Marquiziana sobre os demais (os derrotados).

Meu povo perdeu a guerra, mas a resistência continua. Tudo começou quando eu era criança, a guerra chegou ao meu povo, exterminando muitas pessoas até perdermos tudo. Nossa música, arte, cultura e até hábitos foram descartados. Na minha adolescência, rejeitamos esse ato e criamos a Resistência. Isso ocorreu quando estava com os meus 16 anos.

A Resistência andava pela cidade criticando a Marquizia e reivindicando autonomia. Depois, os

soldados e guardas de minha cidade começaram a nos espancar, fazendo com que nossa ofensiva não trabalhasse. Não tivemos grande apoio popular, pois muitos encaminhados do império vêm para instruir o povo, fazendo eventos, propagandas de seus produtos e festividades que hipnotizam a todos, para que fiquem, assim, a favor do império.

Luto há mais de 30 anos. Capturamos símbolos desse imperialismo e fazemos atentados para acabar com eles e descobrir o motivo de toda essa confusão. Já temos uma resposta, ao capturarmos e torturarmos um funcionário de alta patente da Marquizia, ele nos revelou que eles têm interesse na riqueza de recursos de nosso território, porém finalmente me descobriram e me perseguem para que eu morra. Aprendi muito nos anos de luta e descobri que o que difere um povo do outro é sua cultura. Como nós a perdemos, até diria que somos marquizianos.

“Quando você destrói uma pessoa, você destrói mundos. Quando você destrói um mundo, você destrói pessoas”.

Menger, 3078 D.L.

Capitalismo Selvagem

Enquanto Jobi trabalhava na casa de Jane, sua patroa, ela gastava o dinheiro do salário dele comprando suas bolsas Louis Vuitton.

Chegando a casa às nove da noite, Jobi, que trabalhava até as sete, esperava seu pagamento. A única coisa que sua patroa deu foram os cinquenta reais que tinham sobrado das compras na carteira.

E mais uma vez Jobi, que passara o dia trabalhando, recebeu apenas 1/4 de seu salário, o que sustentava seus quatro filhos.

Mariana e Olavo

EXPEDIENTE

Editoria e revisão: Silvana Mansur e Mateus Bertolino

Autoria dos textos: alunos do 9º ano/2013 do colégio Aldeia Curumim

Design e diagramação: Bernardo Nemer

Ilustrações: Breno Mello, Caroline Liborio, Gabriela Lira e Julia Leite

Capa: Reprodução parcial de “A persistência da memória”, tela de Salvador Dali, 1931.

Colaboração: Mônica Scheer

Apoio institucional: Lucia Cantarino Gonçalves e Marcelo Cantarino Gonçalves



www.aldeiacurumim.com.br



www.aldeiacurumim.com.br